

Os dois milagres de Terry Speerstra



Nas duras condições climáticas do Ártico, a centenas de quilômetros de qualquer socorro médico, estava por um fio a vida de seu filho de quatro anos – e eles, sozinhos

JOSEPH P. BLANK

A JOELHADO sobre a neve e aconchegando carinhosamente ao peito seu filho inconsciente, Terry Speerstra levantou os olhos para o céu claro e azul. «Oh, meu Deus!» gritou. «Não permita que Adam morra! Ajude-me!»

A situação de Speerstra era terrível. O pequeno Adam, de quatro anos de idade, ficara com uma quarta parte do crânio esmagada por uma patada de cavalo. Os dois estavam sozinhos nas cabeceiras congeladas do rio White, no Alasca centro-oriental. O socorro

mais próximo era o centro de controle da aviação, em Northway, 150 quilômetros ao norte. Para alcançá-lo, Speerstra teria de usar um avião, mas 13 quilômetros de gelo o separavam da cabana onde havia um Super Cub de dois lugares. Quase metade do teco-teco estava enterrada na neve; seriam necessárias duas ou três horas para desenterrá-lo e pôr a funcionar o motor.

Eram duas e meia da tarde de 12 de fevereiro de 1976, e a temperatura, de 26 graus centígrados

abaixo de zero. A noite chegaria dentro de duas horas, e os termômetros baixariam ainda uns cinco ou seis graus. Terry, embora brevemente, não tinha autorização para voar por instrumentos; sua experiência limitava-se à navegação visual.

«**Por favor, Adam!**» Pai e filho tinham ido de avião até aquela remota e montanhosa região para passarem as férias no campo de caça de um amigo. Terry, inspetor do departamento de auto-estradas do Alasca, estava tentando esquecer um divórcio que o deprimia. Ele e Adam (criança extremamente tímida e introvertida, que parecia ficar à vontade apenas perto do pai) tinham pescado no rio gelado, dado de comer à manada de cavalos do campo e vagueado pelo vale e pelas colinas observando rastos de raposas, lince, lobos e outros animais. Adoravam-se um ao outro e gostavam de estar juntos.

O acidente ocorreu quando Terry tentava separar um cavalo doente do resto da manada. Terry disse a Adam que não saísse do carro de neve, porque os cavalos não gostavam do seu ruído e fugiam dele. Adam, porém, perguntou se podia sair um pouco do veículo para urinar. Terry só permitiu depois de certificar-se de que nenhum cavalo estava por perto.

Cerca de 30 segundos depois, olhou para trás e viu Adam caído, de braços e pernas abertos. Pen-

sando que o menino estivesse brincando, gritou: «Adam! Volte para o carro!»

O menino não respondeu nem se mexeu. Por um momento, Terry encarou a pequena figura, sentindo a verdade que o arrepiava: um cavalo escoiceou o menino ou o pisou. Precipitou-se para junto do filho e ajoelhou-se perto dele. Cuidadosamente, afastou para trás a máscara de lã e o chapéu do garoto. Seu olho direito estava roxo e fechado pela inchação. Cerca de um quarto do osso frontal direito afundara uns 20 milímetros; o ferimento se achava marcado por um fio de sangue. Terry encostou o ouvido à boca do garoto e sentiu o calor de sua respiração. Ainda estava vivo.

«Abra os olhos, Adam!» suplicou. «Mexe um pouquinho a mão... toque em mim... diga alguma coisa... Por favor, Adam, POR FAVOR!» Sentiu-se completamente desamparado, totalmente abatido pelo pânico. Foi então que começou a gritar pela ajuda de Deus.

O longo caminho. Depois de alguns minutos, concluiu que, para seu filho viver, ele teria que se controlar. Respirou fundo e tentou raciocinar. Sabia que tinha de manter Adam aquecido e reduzir ao mínimo os movimentos de sua cabeça. Abriu-lhe o fecho do blusão acolchoado e o colete de lã interior. Tirou-lhe o cinturão e passou-o apenas pelas duas presilhas frontais das calças. Levantando

Adam de frente para ele, acomodou-o cuidadosamente por dentro do colete e do blusão, afivelando em seguida o corpinho inerte contra o seu.

Dando partida ao carro com uma das mãos e apertando Adam com a outra, começou lentamente a viagem pela trilha ondulada. Levou uma hora para chegar à cabana. Ali, levantou com cuidado a pálpebra do olho bom de Adam, e a pupila se contraiu, reagindo à luz. Terry lembrou-se de ter aprendido num curso de primeiros-socorros que tal contração significava que o cérebro estava recebendo oxigênio e funcionando. Pôs a criança dentro de dois sacos de dormir e, em seguida, acendeu uma fogueira. Beijou o filho na face, agarrou as lanternas e uma pá e dirigiu o carro de neve até o avião, que estava a 150 metros

Que azar! Os esquis do trem de aterrissagem da aeronave enregelada escondiam-se debaixo de mais de um metro de neve compacta. Terry nem hesitou; pendurou duas lanternas de cada lado do capô do motor, diretamente debaixo deste, envolvendo o conjunto com um encerado para conservar o calor. Removeu a neve dos esquis e fez com a pá uma rampa de três metros de comprimento, das pontas destes até a superfície da camada de neve. Quando os esquis estavam completamente livres, cavou por baixo com uma faca e raspou o gelo agarrado à superfície infe-

rior. Então, arrastou até o avião um tambor de 200 litros de gasolina e bombeou-a para os tanques das asas até enchê-los totalmente.

De vez em quando, interrompia o trabalho e ia até a cabana para verificar o estado de Adam. Numa dessas idas, pouco antes das cinco da tarde, encontrou o garoto tateando em volta das paredes. Terry pegou-o nos braços e levou-o de volta aos sacos de dormir. «Você tem de ficar aqui, deitado e quieto, meu filho», sussurrou-lhe. Estava emocionado pela reanimação de Adam, mas aterrorizado pela possibilidade de uma lesão cerebral.

«Adam, sabe o que aconteceu com você?» perguntou.

«Não, papai.» O garoto estava num estado crepuscular entre a consciência e a inconsciência.

Terry disse-lhe: «Adam, nós vamos sair daqui e procurar um médico, e você logo vai sentir-se melhor. Para isso, precisa ficar onde está e permanecer quieto... por favor!»

«Sim, papai.»

Vôo noturno. Quando escureceu, Terry terminava seu vaivém com o carro de neve sobre a pequena pista de 250 metros, nivelando os montículos de gelo que poderiam danificar o trem de pouso na decolagem. Colocou uma lanterna acesa no fim da pista, marcando o lugar onde teria de fazer subir o avião.

Vieram dúvidas ao seu espírito. A noite estava clara, com a Lua

em quarto crescente – mas se um denso nevoeiro a encobrisse? Que fazer com uma tempestade de neve? Entretanto, Adam não poderia sobreviver por muito tempo sem cuidados médicos. Decidiu decolar imediatamente.

Eram quase seis horas da tarde, quando, finalmente, conseguiu ligar o motor. Deixou-o em marcha lenta por alguns minutos; depois, acelerou-o. O aviãozinho guinou na neve, o esquí esquerdo derrapou um pouco subindo a rampa, depois o direito, o esquerdo novamente, conseguindo afinal chegar à pista.

Terry tirou o assento traseiro, carregou Adam nos sacos de dormir e afivelou-o no assoalho, por trás do lugar do piloto. Quando estava pronto para decolar, suplicou: «Por favor, meu Deus!» e embalou o Super Cub em direção à claridade da lanterna, 250 metros à frente.

O avião decolou e eles começaram a subir em direção às Montanhas Nutzoti, de 2.700 metros de altitude, que ficavam a cinco quilômetros. Com uma lanterna elétrica, verificou a bússola e o mapa, e escolheu o primeiro ponto de apoio – o pequeno lugarejo de Chisana, 50 quilômetros a noroeste. Quando passou sobre as raras e dispersas luzes de Chisana, baixou de altitude e, à luz do luar, seguiu o rio Chisana, que o guiou até um grande planalto. Aí, deixou o curso do rio e voou no rumo devido, em direção a Northway.

De tantos em tantos minutos, gritava: «Adam, você vai ficar bom!» Se alguma resposta havia, era abafada pelo ruído do motor.

Então, com uma rapidez assustadora, a Lua desapareceu, e começou a nevar; tais situações têm levado à desorientação, ao pânico e ao desastre de muitos pilotos sem prática de vôo por instrumentos. Dizendo a si mesmo que se mantivesse calmo, Terry focalizou a lanterna sobre a bússola móvel. Pelos movimentos desta, saberia se as asas do avião estavam razoavelmente niveladas e se o nariz ia demasiado para cima ou para baixo.

Mãos solícitas. Rezando para estar dentro do alcance do rádio ou do radar da Estação de Serviço de Vôo de Northway, Terry, com um gesto brusco, ligou o rádio e sintonizou a frequência das rotas aéreas: «Estação de Northway, este é o três três zero Tango. Tenho a bordo uma criança de quatro anos com um grave ferimento na cabeça, que está precisando de socorros médicos urgentes.» Northway não deu resposta. Terry repetiu a mensagem várias vezes. Silêncio. Mudou para a frequência de emergência e insistiu, sem nada conseguir.

No campo de pouso de Northway, o controlador de vôo Claude Welch tinha ouvido a mensagem e respondido. Quando viu que Terry não respondia, Welch presumiu que o avião estivesse demasiado distante para que seu radior-

receptor alcançasse a transmissão. Telefonou imediatamente para Ralph Earnest, piloto autorizado para vôo por instrumentos, que tinha aterrado com seu Cessna 185 em Northway, alguns dias antes. Perguntou se podia auxiliar na emergência, e Earnest ofereceu-se imediatamente para ajudar.

Após mais de 20 minutos de frenéticas tentativas para estabelecer contato com Northway, Terry subitamente saiu da tempestade de neve. No mesmo instante, ouviu a voz de Welch: «...Você está 15 graus fora da rota. Seu rumo é 310 graus.»

«Entendido.»

«Três três zero Tango, temos um Cessna 185 que poderá levá-los à base militar de Delta Junction.»

Terry sabia que isso significava 250 quilômetros até Delta Junction e mais de 150 para Fairbanks, onde havia um hospital geral. «Muito obrigado», disse. «Chegaremos lá.»

Welch comunicou-se pelo rádio com Delta Junction. Autoridades da base prometeram pôr a postos um helicóptero de assistência médica para levar a criança até Fairbanks.

Terry pousou sem dificuldades. Os cintos que protegiam Adam foram desafivelados por mãos solícitas que o levaram para o Cessna 185. Dentro de dez minutos, Terry estava novamente no ar com Adam atravessado em seu colo. Em Delta Junction, foram

rapidamente transferidos para o helicóptero. Por volta das dez da noite, oito horas depois do acidente, Adam foi conduzido à sala de emergência do Memorial Hospital, de Fairbanks. Terry tremia de emoção e estava tão apreensivo pela sorte do filho que não conseguia nem olhar para ele nem conter as lágrimas.

Passados 20 minutos, um médico sentou-se ao lado de Terry na sala de espera. «É grave», disse, apontando para as radiografias. «Pode-se ver onde uma parte do crânio foi esmigalhada em vários fragmentos. Pedacos de osso penetraram no cérebro.»

Então, Terry decidiu fazer a pergunta que mais receava: «Há lesão cerebral?»

«Nada podemos afirmar. Temo que pouco possa ser feito pelo seu filho aqui, a não ser manter-lhe a cabeça convenientemente protegida. A operação tem que ser realizada por um neurocirurgião, e não temos nenhum aqui em Fairbanks. Nós o aconselhamos a ir com a criança para o Hospital de Ortopedia Infantil, em Seattle.»

Atordado, Terry olhou para o médico. Pensava que a luta havia terminado em Fairbanks, mas agora tinham pela frente mais uma viagem de 2.900 quilômetros.

«Há um vôo comercial direto, partindo à uma da manhã», continuou o médico. O pessoal de serviço no Hospital de Ortopedia mandará uma ambulância esperar no aeroporto de Seattle.

Absolutamente vencido pela fadiga, Terry apenas concordava com a cabeça.

Tratamento intensivo. Já no hospital, 14 horas depois do acidente, o neurocirurgião John Maxwell examinou as radiografias e disse a Terry que seis ou sete fragmentos de osso do crânio se tinham afundado muito. Seu plano era reagrupar esses fragmentos com fio metálico e dar à cabeça a sua forma original.

A delicada operação começou. Quando o Dr. Maxwell levantou os pedaços de osso, viu uma ruptura de 25 milímetros de comprimento na dura-máter (uma das membranas que envolvem o cérebro), um coágulo e laceração de uma parte da massa encefálica. Descobriu também que um dos fragmentos tinha penetrado no seio sagital superior. Esta grande veia corre longitudinalmente, da frente para trás, pelo centro do cérebro, drenando o sangue de uma rede de vasos menores e levando-o de volta ao coração.

O fragmento havia ficado bloqueando a veia, como uma rolha numa garrafa; qualquer movimento mais acentuado da cabeça o teria tirado do lugar. No entanto, em 14 horas de viagem (de carro, avião leve, helicóptero, avião comercial e ambulância), ele não se moveu; se isso acontecesse, o sangue teria inundado o cérebro e causado a morte.

Embora Adam tivesse resistido bem à operação de duas horas e

meia, o Dr. Maxwell foi cauteloso ao falar com Terry sobre a possibilidade de lesão cerebral. «Vamos ver como estará quando deixar a sala de terapia intensiva», disse, acrescentando que Terry devia estar preparado para uma mudança de personalidade em seu filho, uma vez que a remoção do coágulo e a laceração tinham ocorrido numa área do cérebro que afeta a personalidade.

A advertência encheu Terry de apreensão, e seu sono foi interrompido por terríveis pesadelos. Quatro dias depois da operação, Adam teve alta do tratamento intensivo, passando mais 12 dias no hospital. O garoto não apresentou nenhum sinal de lesão cerebral; estava tão lúcido, inteligente e bem coordenado como antes. Para grande alívio de Terry, dizia o alfabeto, fazia somas e, desajeitadamente, amarrava os cordões dos sapatos.

«**Vamos voltar.**» «Quando é que vamos voltar para o rio White?» insistia o garoto em perguntar ao pai. «Quero pescar. Quero ver Charlie Brown.» Charlie Brown era o maior cavalo da manada. Embora Adam, mais tarde, tivesse identificado Charlie como o cavalo que o pisara, não expressou qualquer sentimento de medo ou ressentimento em relação ao animal.

Terry disse ao filho que tinham que «pensar» a respeito da volta para a vida no campo. Enquanto isso, esperava por uma mudança

de personalidade. Em sua mente, já perturbada pela preocupação, «mudança» só podia ser para pior. Foi então que, aos poucos, a transformação começou. Da concha de timidez e desajustamento social, emergiu um garoto sempre ansioso por participar da conversa, à vontade com estranhos, expressivo e extrovertido! Terry estava admirado: era um segundo milagre.

No vôo de volta ao Alasca, Adam fez de novo a pergunta já familiar: «Vamos para o White?»

Terry pensou por um momento e respondeu num impulso: «Sim, meu filho, vamos voltar.»

Cinco dias depois, estavam pescando pelas aberturas do gelo. Numa tarde, enquanto Adam ficou na cabana, Terry deslocou-se até o local do acidente. Ali, sentiu novamente todo o horror da quase tragédia. Lembrou-se, então, da súplica que tinha feito, ajoelhado na neve com o filho nos braços, e, levantando de novo os olhos para o céu claro e azul, disse com fervor: «Muito obrigado!»



MEU pai, George Gullen Jr., foi designado presidente da Universidade Estadual de Wayne na primavera de 1972, época em que muitas universidades vinham tendo problemas com cortes nos orçamentos e com agitação estudantil.

Pouco depois de sua nomeação, perguntaram-lhe como estava resolvendo esses problemas. Papai pensou bem e respondeu: «Bem, durante o dia, fico sob grande tensão, mas à noite durmo como um bebê – durmo um pouco, acordo chorando e depois torno a dormir...»

– Christopher R. Gullen

NUMA tentativa de demonstrar às nativas do Sul da Austrália as vantagens dos anticoncepcionais, conselheiros familiares ensinaram-lhes uma canção com letra apropriada sobre o assunto. Recentemente, esses especialistas acabaram por desistir de aplicar o «método musical», pois, como um deles explicou, «as mulheres pensavam que podiam evitar a gravidez simplesmente entoando a canção».

– I. H.

NUMA manhã de domingo, antes de minha aula na escola paroquial, fui ao salão da escola para tomar uma xícara de café. Sentei-me a uma mesa defronte de um homem que estava bebendo café e comendo um biscoito. Depois de alguns minutos, perguntei-lhe se tinha deixado de fumar havia pouco tempo. Ele olhou surpreendido para mim e respondeu: «Sim, como adivinhou?»

«Bem», respondi, «é que você é a única pessoa que já vi apagando um biscoito no cinzeiro.»

– M. H. H.